

CANARIO, Ezequiel David do Amaral. *É mais uma scena de escravidão: Suicídios de escravos na cidade do Recife, 1850-1888.* Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

José Bento Rosa da Silva¹

A obra convida-nos a revisitar a cidade do Recife oitocentista, mais tarde cunhada por alguns como a Veneza brasileira por ser cortada por rios, entre eles o Capibaribe. Mas, para além da beleza, residia no Capibaribe e no Beberibe a possibilidade “de saltar fora da ponte e da vida”; como lembrou o poeta pernambucano, João Cabral de Melo Neto, ao contar a saga de retirantes que chegavam ao Recife e, desesperados, viam a possibilidade de suicídio, uma vez que a vida se fazia Severina. Estou me referindo à obra *Morte e Vida Severina*, publicada entre 1954 e 1955. E quem me garante que o personagem de João Cabral de Melo não era um descendente de escravos e de ex-escravos que se recusaram a saltar fora da vida no século investigado por Ezequiel David do Amaral Canário?

Pois bem, a obra do historiador Canario, trata de suicídios de escravos na cidade do Recife no período compreendido entre 1850 e 1888. Não por acaso, o autor escolheu este período: 1850 significou o fim legal do tráfico de escravos para o Brasil, isso não quer dizer que após esta data eles deixaram de entrar no país, sendo o Porto de Recife uma das portas de entrada. É certo que, com o fim do tráfico legal, adquirir escravos ficara mais arriscado, perdê-los através da morte voluntária - digo do suicídio - seria uma tragédia; porém, como disse a professora Christine Rufino Dabat no prefácio da obra, “era uma forma dos escravos tirarem das mãos de seus senhores o poder sobre

¹ Doutor em História pela UFPE. Professor de História da África na Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: negrobento@hotmail.com.

seus corpos e suas vidas”. Neste sentido, a morte pelo suicídio não era uma fuga, mas uma resistência. Já para os senhores, uma lástima, uma perda de capital. Já o ano de 1888 significou a data da abolição formal da escravidão no Brasil, sendo este o último país da América a fazê-lo.

A obra está estruturada em três capítulos magistralmente arquitetados, de forma que deixa a leitura suave, desprovida do “ranço” das teses e dissertações acadêmicas, sem, no entanto, perder o rigor científico. No primeiro capítulo Ezequiel discute as teorias acerca do suicídio; vai desde o clássico de Émile Durkheim a trabalhos mais recentes, tais como a tese de Paulo de Goes, que investigou o suicídio na obra *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho. Além dos discursos acerca do tema, o autor lança um olhar sobre o suicídio em sociedades africanas e dos africanos no Novo Mundo. Para esta empreitada, buscou a bibliografia mais recente sobre a temática, tanto de historiadores e pesquisadores africanos quanto de africanistas como Elikia M’Bokolo, Fábio Leite e João José Reis, alguns dos pesquisadores que deram suporte ao autor.

Tendo como pano de fundo deste “teatro” de morte voluntária a cidade do Recife, Canario, no capítulo segundo, apresentou a Recife oitocentista ao leitor a partir de trabalhos acadêmicos, como o de Raimundo Arrais, que, ao meu ver, é um dos mais atuais sobre o espaço público do Recife no século XIX. As fontes jornalísticas foram imprescindíveis para apresentar uma cidade hoje “invisível” aos olhos dos transeuntes e/ou visitantes que circulam pelo Recife antigo pela Av. Conde da Boa Vista ou pela Rua do Hospício, por exemplo. Enfim, um lampejo do cotidiano do Recife e seus arrabaldes. Neste sentido, foram utilizadas as iconografias, textos e tabelas evidenciando as taxas de suicídios e as condições sociais nas quais estavam inseridos homens livres, escravos e libertos.

Ainda no segundo capítulo, são apontadas as transformações ocorridas na cidade na segunda metade do século XIX, sobretudo a partir dos “ventos da modernidade” que sopravam advindos da Europa, no contexto do liberalismo, da higienização, para usar uma expressão de Norberto Elias, “no contexto do processo civilizador”. Daí a preocupação, por exemplo, com o sepultamento. Somam-se a esta questão as transformações pelas quais passava a concepção da morte, ou seja, o destino que se deveria dar ao cadáver, dependendo do tipo de morte: se morte natural, se morte por suicídio, se morte de inocentes, de pagãos. Neste sentido, as notícias de jornais, bem como os arquivos policiais, foram pródigos em informações e o autor, qual um detetive, soube seguir as pistas deixadas por estas fontes e tecer a trama da história dos suicídios de escravos na cidade do Recife no período mencionado.

O capítulo terceiro buscou compreender as possíveis razões dos suicídios. Lembrando as advertências de Marc Bloch, Canario procurou fazer os documentos falarem das possíveis razões dos suicídios de escravos na cidade do Recife e suas especificidades, mas também apontando este “fenômeno” em outras localidades do Brasil escravista do oitocentos; para isso travou um diálogo com a literatura brasileira da época. Desta forma, estabeleceu uma relação da literatura com as fontes jornalísticas e com os registros policiais. O resultado foi um capítulo magistral, como é todo o livro, fruto de uma dissertação de mestrado, classificada como uma das melhores defendidas no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco no ano de 2011.